

conferencista, especializada em filosofia política e em ética aplicada, enfrenta neste livro o lado político da problemática ecológica. Parte do princípio de que esta não terá respostas que valham se tudo ficar pelas boas intenções, sem mudanças no nosso estilo de vida. Para isso torna-se necessário saber que ética e que transformações na própria democracia podem conduzir a tomadas de posição à altura daquela problemática. Na sua proposta de uma «ética da vulnerabilidade» trata-se, no fundo, da instauração de um humanismo renovado, em que se preserve a saúde da terra e em que os humanos não imponham aos demais humanos nem às outras espécies uma vida diminuída.

Numa primeira parte do seu livro procura conjugar ecologia e filosofia (algo em que parece haver um grave défice) refletindo sobre dois grandes temas: a ética da terra e a ecologia política. Procura realçar a importância da chamada ecologia profunda, em que se torna necessário «pensar como uma montanha» (saber o que é bom para ela, coisa que *a priori* não sabemos) e apresenta normas e prioridades ecológicas, bem como a teoria do valor de Rolston. Trata da relação que deve haver entre as ciências e a sociedade, da necessidade de outra cultura política e da necessária incidência das escolhas dos cidadãos na avaliação democrática das escolhas científicas e tecnológicas.

Na segunda parte procura vias para uma renovação da relação entre os humanos e os animais, com uma decorrente revisão do conceito e do âmbito da justiça. Diante de nós coloca o sofrimento dos animais, denunciando, a propósito, as contradições do direito. Com o apoio de Darwin realça a continuidade entre os seres vivos, propõe um humanismo da alteridade e apela à passagem da mera compaixão à responsabilidade, uma atitude que pode ter

como factor de mobilização a consciência da fragilidade do belo e do bem (p. 217).

A terceira e última parte incide sobre a organização do trabalho e a solidariedade. Em relevo são aí tratadas coisas como a negação da realidade e a distorção comunicacional, a vulnerabilidade ao mal e o mal como contaminação. Mas também a relação entre cultura e educação, com a noção de cultura como amor ao mundo, a necessidade de conjugar educação e avaliação, e o positivo (ou a força) da vulnerabilidade que, como expressão radical da alteridade, apela a atitudes de altruísmo através das boas práticas que obrigam o ser humano a sair do seu próprio casulo.

Com abundante bibliografia e índice de autores.

JORGE COUTINHO

BAUMGARTNER, Maria Grazia, **Abel, dov'è tuo fratello? Il contributo della logoterapia di Viktor Frankl alla comprensione del principio «responsabilità»**, coll. «Studi e ricerche», Ancora Editrice, Milano, 2011, 278 p., 240, 170, ISBN 978-88-514-0927-2.

Encontramo-nos perante um estudo resultante de investigação para o grau de doutoramento da autora. Objeto desse estudo são aspectos fundamentais da logoterapia de Viktor Frankl: a problemática do sentido na vida humana e o «princípio responsabilidade». É sobretudo este segundo que, de forma direta, está por detrás do título «Abel, onde está o teu irmão?» Segundo o pensador austríaco, a motivação primária do agir humano não é a satisfação do prazer ou do poder, mas a vontade de sentido para o seu existir, que se manifesta na contínua tensão entre as circunstâncias

em que se encontra vivendo e o mundo dos valores que se lhe apresenta como apelo e desafio.

O estudo está dividido em duas partes. Na primeira, M. G. Baumgartner desenvolve a sua investigação sobre «a procura de sentido e responsabilidade na logoterapia de Viktor Frankl». Apresenta os fundamentos da logoterapia e as origens do modelo que lhe subjaz: a análise existencial. Ideias de fundo, como as de «ser responsável» e «vazio existencial» são aí expostas com particular referência ao contexto cultural nosso contemporâneo. Superando o materialismo imanentista de outro pensador austríaco, fundador da psicanálise, Sigmund Freud, repisa a ideia de que o sentido aponta para algo de «transcendente», pelo que manifesta um valor universal. Esta parte é preenchida por uma série de capítulos em que são versados múltiplos aspectos e temas relacionados com aqueles temas de fundo: biografia de V. Frankl, investigações sobre a alma desde Aristóteles à psicologia contemporânea, a alma doente e os seus grandes estudiosos (Freud, Adler, Jung), o conceito de responsabilidade; estudos mais directamente respeitantes ao autor estudado: fundamentos do seu pensamento, elaboração do conceito de logoterapia, presença de Deus no inconsciente humano, logoterapia como medicina da alma, etc.

A segunda parte – «Abel, onde está o teu irmão? Fraternidade e filialidade numa ótica de responsabilidade» – trata dos fundamentos que conferem veracidade e factibilidade à proposta de Viktor Frankl. A autora desenvolve então temas como os do amor fraterno, a liberdade como dom, a oração, verdade e liberdade, responsabilidade filial no Filho (de Deus), comunicação e diálogo.

Uma bibliografia apropriada completa o volume.

JORGE COUTINHO

VALADIER, Paul, **L'exception humaine**, coll. « Théologies », Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2011, 154 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-09550-1.

No seio da cultura contemporânea a antropologia vive de duas grandes ideias do ser humano, contraditórias entre si: por um lado, a ideia tradicional, reforçada pelo racionalismo moderno, de um ser irreduzível à natureza infra-humana e a ela sobranceiro, chamado a dominá-la em seu próprio proveito; por outro lado, sob o signo e a influência do darwinismo, a ideia de um ser humano emergido no mundo a partir de espécies inferiores e, como tal, redutível à natureza em sua essência material e portanto sem verdadeira transcendência relativamente a ela. A primeira destas linhas antropológicas presta-se a oferecer fundamento à ideia de um homem dominador da «terra», uma ideia que traz consigo o risco de o mesmo ser humano explorar a natureza e a tratar a seu bel-prazer, sem limites. Heidegger denunciou com ênfase esta concepção e este perigo. Os abusos que hoje se tornam cada vez mais patentes no campo da ecologia revelam que esse perigo é real e pode acabar por virar a natureza contra o próprio ser humano. Mas o risco do reducionismo antropológico inerente ao evolucionismo materialista não é menor. Com efeito, o mesmo ser humano dificilmente salvaguarda aí o seu carácter de um ser de excepção, com todas as consequências que daí advêm.

Paul Valadier, um pensador que dispensa apresentações, enfrenta neste ensaio esta problemática. Num discurso muito bem conduzido procura conjugar a vulnerabilidade humana, inerente à sua proximidade com os animais e a natureza material em geral, com o carácter excepcional do estatuto do humano, que o estabelece